

## CRISTIANISMO E CULTURA

### 1. CULTURA – MAS DO QUE ESTAMOS FALANDO?

#### A. Quem é o homem?

##### a. Nossa limitação em definir o que é exatamente o ser humano

Para começarmos a entender o que significa a expressão “ser humano”, é preciso alargar nossa visão para contemplar toda a diversidade de tipos, costumes e valores que constitui nossa espécie.

As pessoas se diferenciam biológica e psicologicamente. Distinguem-se nas sociedades que organizam, nas culturas que criam; e essas diferenças levantam questões filosóficas e teológicas profundas.

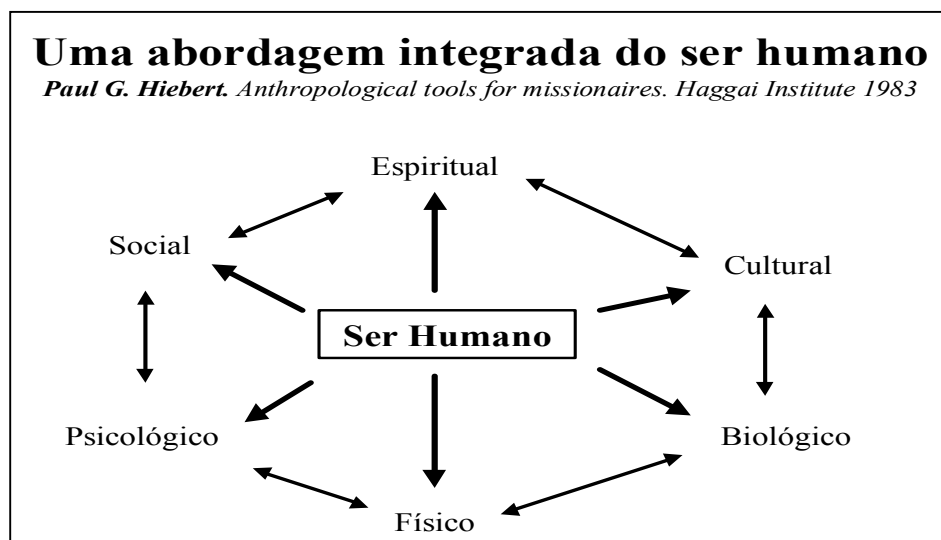
Apesar das muitas diferenças temos também que admitir que existem muitos pontos em comum entre os grupos humanos, caso contrário seria impossível culturas diferentes se relacionarem entre si. Por exemplo: compartilhamos a maior parte das funções fisiológicas; respondemos aos mais diferentes estímulos da mesma forma; experimentamos alegrias e sofrimentos, etc.

Além disso, o cristianismo acrescenta outros aspectos universais aos já mencionados: fomos feitos à imagem e semelhança de Deus nosso criador (GN 1:26), todavia todos pecamos e carecemos de Deus mas a salvação está ao alcance de todos através de Jesus Cristo (RM 3:21-26).

Essa unidade na diversidade se reflete na essência e natureza da Igreja, onde apesar de todas as diferenças possíveis e imagináveis há uma só mensagem e um só Deus.

##### b. O ser humano a partir de uma abordagem integrada (ciência + teologia)

É o que se chama de abordagem holística do homem: aprender o que a ciência e a teologia têm para nos ensinar acerca das pessoas e entrelaçar essas idéias em um entendimento amplo do homem como ser integral, percebendo que o nosso conhecimento sempre é imperfeito e incompleto.



Infelizmente, no último século ciência e teologia têm se confrontado em várias frentes, cada uma tendendo a reivindicar uma visão ampla e clara da realidade e, propositadamente, ignorando os achados de uma e outra parte. Mas ocorre que cada vez mais se toma consciência de que a realidade é muito mais complexa do que podemos captar ou explicar e, na melhor das hipóteses, ciência e teologia estão a vê-la de perspectivas diferentes. A ciência nos oferece idéias sobre várias estruturas da realidade empírica. A teologia nos oferece uma visão geral da construção, do construtor, dos acontecimentos-chaves na sua história.

É bom lembrar, porém, que a essa complementaridade nem sempre significará concordância entre a ciência e a teologia. Quando surgem divergências, precisamos reexaminar nossa ciência e nossa teologia à luz das Escrituras e da criação, visto que Deus é a fonte de ambas.

### **c. Entender o homem em seu meio: canal para cumprir a Grande Comissão (Mt 28:18-20)**

Com o rápido crescimento da Igreja e a proliferação das missões transculturais e intraculturais, é fundamental a compreensão da natureza humana, distinguindo-se devidamente aquilo que constitui cultura humana de característica humana. Os cristãos não podem se esquecer que fomos chamados a fazer discípulos de Cristo e não dos nossos próprios modelos e valores culturais, e a ensinar os homens a guardar os ensinamentos de Jesus e não os nossos ditames culturais.

## **B. O conceito de cultura**

*Os sistemas mais ou menos integrados de idéias, sentimentos, valores e seus padrões associados de comportamento e produtos, compartilhados por um grupo de pessoas que organiza e regulamenta o que pensa, sente e faz.* (Paul Hiebert, *O Evangelho e a Diversidade das Culturas*, Ed. Vida Nova 1999)

### **a. O que não é cultura? Ajustando o foco do estudo.**

Cultura é uma palavra comum! Normalmente nos referimos a uma pessoa como culta porque possui um elevado grau de estudo, ou porque ouve música clássica e ópera, ou porque sabe como participar de banquetes com muitos talhães à frente sem “pagar mico”, ou porque fala várias línguas, ou por vários outros motivos que, via de regra excluem pessoas comuns e consagram os costumes e ideais de membros da elite de uma sociedade geralmente rica, poderosa e estudada.

Implicitamente estamos pressupondo que pessoas comuns, particularmente as pobres e marginalizadas, não tem “cultura” exceto quando tentam se igualar à elite.

### **b. As dimensões da Cultura:**

Para efeito desse estudo vamos abordar o conceito bem mais amplo e multidimensional de cultura, o qual leva em conta a própria natureza complexa e integrada do ser humano, conforme apresentado anteriormente. São elas:

#### **- Cognitiva (conhecimento, lógica e sabedoria)**

Esse aspecto da cultura relaciona-se ao conhecimento compartilhado pelos membros de um grupo ou de uma sociedade. Sem ele fica impossível a comunicação e a vida em comunidade.

O conhecimento fornece o conteúdo conceitual da cultura. Reúne as experiências das pessoas em categorias e organiza as categorias em sistemas maiores de conhecimento.

É o conhecimento quem diz às pessoas o que existe e o que não existe.

O conhecimento cultural é mais do que categorias que utilizamos para entender a realidade, a natureza do mundo e como ele funciona. Ele molda a própria percepção da realidade.

#### **- Afetiva (sentimentos e estética)**

Aspecto que engloba os sentimentos das pessoas – suas atitudes, noções de beleza, preferências alimentares e de vestuário, seus gostos pessoais e a maneira com que alegam ou sofrem.

As culturas variam muito na forma de lidar com o componente emocional do ser humano.

A dimensão afetiva da cultura se reflete na maioria das áreas da vida: padrões de beleza, moda, culinária, bens de consumo, etc. Se imaginarmos uma cultura onde tudo seja pelo funcional a monotonia iria imperar em praticamente tudo.

As emoções também moldam as relações humanas, pois determinamos padrões comportamentais (expressões faciais, tom de voz, gestos, etc) para expressar ódio, escárnio e inúmeros outros sentimentos.

- **Avaliadora** (valores e fidelidade)

Engloba os valores pelos quais as relações humanas são julgadas como morais ou imorais. Define o comportamento e escolhas tidas por certas ou erradas. Impõe seu próprio código moral e seus pecados definidos culturalmente.

Cada cultura tem seus próprios valores supremos e suas devoções fundamentais, e seus próprios objetivos culturalmente definidos (e.g. sucesso econômico, ou honra e fama, ou poder político, ou méritos ancestrais ou divinos, etc).

## **O Evangelho nas 3 dimensões**

O evangelho se relaciona com todas as 3 dimensões: cognitiva, afetiva e avaliadora.

No nível cognitivo relaciona-se com o conhecimento da verdade, o conhecimento e aceitação da informação bíblica e teológica e o conhecimento de Deus.

Afeta também a dimensão afetiva, dos sentimentos. Sentimos temor e mistério na presença de Deus. Sentimos vergonha e culpa pelos nossos pecados. Sentimos felicidade e alívio pela presença de Deus e pelo perdão dos pecados. Sentimos conforto na comunhão com o povo de Deus.

O evangelho também tem a ver com a dimensão avaliadora, na medida que Jesus proclamou as boas novas do Reino de Deus, o qual governa com retidão. Suas “leis” contrastam com as dos reinos e governos humanos, e sua perfeição julga nossos pecados culturais. Ser cristão também é ser chamado a seguir a Jesus incondicionalmente, a ser totalmente fiel a ele. Qualquer outra coisa é definida como idolatria.

O conceito bíblico de **conversão** abarca todas as 3 dimensões: precisamos saber (I COR 2:2) que Jesus Cristo é o Filho de Deus, mas só esse conhecimento não é suficiente. Precisamos dos sentimentos de afeição (I COR 8:1-3) e aceitação da obra de Cristo por nós. Mas também isso só não é suficiente! Tanto o conhecimento quanto os sentimentos devem nos levar à adoração, submissão e obediência a Cristo (JO 14:15; 23; I JO 2:3-6), transformando-nos em seguidores plenos e comprometidos do Mestre.

### **c. Manifestações de cultura**

Há a parte da cultura que podemos ver, ouvir e experimentar através de outros sentidos. É manifestada através do que chamamos de :

- **Comportamentos**

Geralmente aprendemos a nos comportar através da nossa cultura. Mas nem todo comportamento é aprendido culturalmente.

Nossas escolhas e decisões no dia-a-dia são influenciadas por circunstâncias políticas, econômicas, sociais e religiosas.

Podemos tentar quebrar ou contornar as regras sociais e sermos punidos ou não por isso, pois toda cultura tem seus próprios meios para impor essas regras. Quando não há punição pela quebra de regra e essa regra tende a generalizar-se, as leis culturais tendem a morrer e ocorre mudança social.

As pessoas de uma mesma cultura nem sempre concordam com as mesmas regras.

## - Produtos

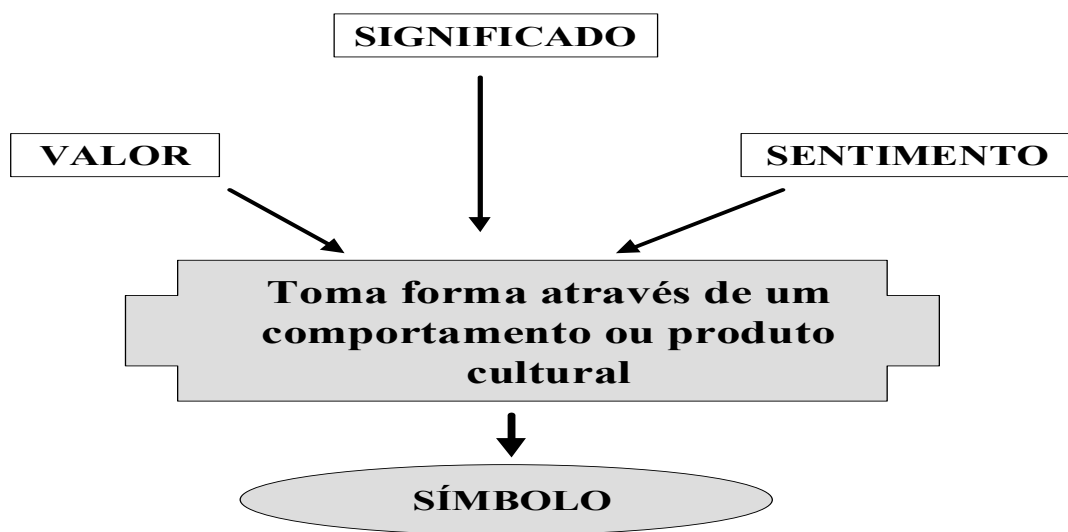
A cultura inclui objetos materiais – resultado de nossa interação e adaptação ao meio ambiente e do poder transformador que exercemos na natureza.

A cultura material inclui mais do que respostas humanas ao ambiente. As pessoas fazem muitas coisas para seu uso próprio e para expressarem suas habilidades criativas.

O comportamento humano e os objetos materiais derivados são prontamente observáveis. Consequentemente, são meios importantes para compreendermos e estudarmos uma determinada cultura.

### d. Símbolos: forma e significado

O comportamento e os produtos culturais do homem não são partes independentes de uma cultura; eles estão intimamente ligados às idéias, aos sentimentos e valores presentes dentro de seu povo.



Essa associação entre um significado, uma emoção ou um valor específico e um certo comportamento ou produto cultural é chamada de símbolo.

Num certo sentido a cultura é formada por um conjunto de símbolos. Ex. a fala, a escrita, os sinais de trânsito, a moeda, os selos, sirenes e alarmes sonoros, perfumes, etc.

### e. Cultura e Cosmvisão

As pessoas percebem o mundo de maneiras diferentes porque constróem pressupostos diferentes da realidade. Juntos, os pressupostos básicos sobre a realidade que se encontram atrás das crenças e comportamentos de uma cultura são, algumas vezes, chamados de **Cosmovisão**.

As pessoas acreditam que o mundo é realmente da maneira como o vêem. Raramente estão cientes de que a maneira que vêem é moldada por sua Cosmovisão.

Há pressupostos básicos implícitos em cada uma das 3 dimensões da cultura. Os pressupostos existenciais dão à cultura estruturas cognitivas fundamentais que as pessoas utilizam para explicar a realidade. Essas estruturas definem o que é "real".

As suposições existenciais ou cognitivas também munem as pessoas com os conceitos de tempo, espaço e outros mundos. Os pressupostos cognitivos também modelam as categorias mentais que usamos para pensar, para reconhecer e acatar determinados tipos de autoridade e o tipo de lógica utilizada. Juntos estes pressupostos dão ordem e significado à vida e à realidade.

Os pressupostos afetivos permeiam as noções de beleza, estilo e estética encontradas em uma cultura. Influenciam o gosto das pessoas em música, arte, vestuário, comida, arquitetura, e o sentimento mútuo em relação à vida.

Os pressupostos de avaliação fornecem os padrões que as pessoas utilizam para realizar julgamentos, incluindo critérios para determinar verdade e mentira, gostos e preferências, e o certo e o errado. Essas hipóteses de avaliação também determinam as prioridades de uma cultura e, por sua vez, moldam as vontades e as obrigações das pessoas.

Reunidos, os pressupostos cognitivos, afetivos e avaliadores fornecem às pessoas uma maneira coerente de ver o mundo, a qual faz que se sintam em casa e lhes garante estarem corretos. Essa **Cosmovisão** serve de fundamento para que edifiquem suas crenças e sistemas de valores explícitos, e as instituições sociais dentro das quais vivem no dia-a-dia.

## **f. Cultura compartilhada**

Como afirmado anteriormente, uma cultura é “compartilhada por um grupo de pessoas” e simboliza suas crenças, símbolos e produtos dessa sociedade.

O homem foi criado para ser um ser social (GN 1:28<sup>a</sup>; 2:18) e sua sobrevivência depende de seu relacionamento com seus semelhantes. Todas as relações humanas exigem uma grande soma de entendimentos compartilhados entre as pessoas – linguagem (verbal e não-verbal), um conjunto mínimo de expectativas, um certo consenso de crenças, etc. Quanto mais tiverem em comum, maior a chance e possibilidade de inter-relação.

É preciso ter claro como “sociedade” se relaciona com “cultura”. Sociedade é um grupo de pessoas que se relaciona mutuamente de maneira ordenada em ambientes diferentes. A ordem básica implícita nessas relações é chamada de organização ou estrutura social. É na estrutura social que as pessoas verdadeiramente se relacionam umas com as outras. A estrutura social está ligada à cultura, mas é diferente dela: a cultura inclui o que as pessoas crêem sobre relacionamentos.

A relação entre uma sociedade e uma cultura é dialética - as pessoas desenvolvem estruturas para conduzir suas vidas. Com o tempo, ensinam essas estruturas aos filhos como parte da cultura que modelará suas vidas.

Os limites sociais e culturais são claramente definidos nas sociedades tribais. No entanto, em áreas urbanas e rurais complexas, os limites culturais e sociais se tornam confusos e a relação entre eles é mais complicada; por exemplo, nas metrópoles habitadas por diferentes grupos étnicos (São Paulo, Nova Iorque, Londres, etc), onde são nítidas as subculturas que têm que conviver debaixo de uma cultura mais ampla.

Em tais situações, o que constitui uma cultura ou uma sociedade? Aqui temos que retornar ao conceito das estruturas culturais (uma escola, um hospital, um banco, em clube, etc) com seu próprio grupo de pessoas, hierarquia social, conjunto de conhecimentos e regras e valores. Os indivíduos em sociedades complexas se mudam de uma estrutura para outra, de um grupo para outro e de uma cultura para outra “trocando engrenagens” à medida que se mudam.

Essas culturas locais, por sua vez, são integradas a culturas regionais e nacionais maiores compartilhando uma história cultural, crenças e valores comuns mais amplos.

## **C. O evangelho e a cultura**

### **a. A cultura humana é do maligno?**

II COR 4:4 – “...O deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus...”

A partir desse trecho, muitos têm concluído que o mundo está sob controle de Satanás e suas hostes, crendo num dualismo cósmico entre Deus e Satanás, luz e trevas, o bem e o mal.

No entanto, a Bíblia apresenta esse conflito tendo como palco esta terra, onde Satanás tenta confundir ou diminuir no crente a confiança em Cristo e sua justiça imputada como suficiente para a salvação.

É uma batalha pelas mentes e corações dos homens e tem a ver com verdade x erro, fé x incredulidade, fé em Cristo x crença em qualquer outra coisa ou pessoa.

Paulo jamais argumentou que um Deus bom reina na esfera espiritual enquanto um deus mau (Satanás) reina nas arenas “seculares e mundanas”. Satanás é citado como deus deste século apenas porque está sendo servido como se fosse um deus pelos homens.

Como ministro da ira, Satanás cegou tanto judeus como gentios, mas é sempre dentro da permissão divina, a qual é retirada sempre e quando Deus quiser.

Não há razão, portanto, para ver o mundo como algo inerentemente mau ou o campo de batalha para o controle do planeta e do universo, cujo resultado depende da habilidade humana em se amarrar demônios. Embora a humanidade pecadora faça deste mundo um lugar de rebelião, maldade e desordem, Satanás jamais terá vitória final sobre os propósitos e intenções de Deus (DN 4:34-37).

A soberania de Deus é essencial para a fé cristã. É preciso traçar uma linha divisória clara entre aquilo que a Bíblia declara como “mundo” e aquilo contra o que lutamos nossa batalha espiritual. EFÉSIOS 6:10-19, não deixa dúvidas que nosso inimigo não é a cultura humana (as manifestações multiformes inerentes à nossa humanidade) mas contra os poderes e autoridades espirituais que dominam um mundo de trevas e de maldade e distorcem a beleza e originalidade da criação e da obra de Deus. São esses poderes que foram humilhados e expostos à vergonha por Cristo na cruz (COL. 2:13-15) e não a obra criativa de Deus – os homens.

A humanidade, com sua cultura, seu modo de ser e se relacionar entre si e com o mundo criado por Deus, não é má em si mesma e nem foi criada desta forma, mas contou com o planejamento e a aprovação de Deus (GN 1:26-31). Esse texto não parece a descrição de algo ruim!

## **b. Princípios básicos para entender a tensão dinâmica entre o evangelho e as culturas humanas:**

Está fora de cogitação qualquer tentativa para associarmos o cristianismo com a cultura ocidental, seja a de hoje ou do passado.

Mesmo se quiséssemos associar o cristianismo com a cultura judaica da época de Cristo, teríamos dificuldades na fundamentação da idéia, visto que a própria Igreja Primitiva teve dificuldades com essa tentativa de associação e não seguiu por este caminho, embora o cristianismo nos fosse entregue dentro do contexto dessa cultura. Não era preciso tornar-se um judeu para se tornar um cristão! E bem sabemos que ainda não o é e nunca será.

É preciso, portanto considerar pelo menos 3 princípios para entender essa tensão dinâmica entre evangelho e culturas humanas:

### **- Evangelho não provém de qualquer cultura**

O evangelho deve ser separado de todas as culturas humanas. Ele é revelação divina e não mera expressão humana.

A tendência de associarmos o cristianismo com nossa própria cultura (não importa quem ou onde) tem sido um desastre e um sério tropeço em muitas ações missionárias.

### **- Evangelho se expressa em todas as culturas**

Embora o evangelho seja diferente das culturas humanas, ele sempre deve ser expresso em formas culturais. Os homens não podem recebê-lo fora de seus idiomas, símbolos e rituais. Se as pessoas devem ouvir e crer no evangelho, ele precisa ser apresentado em formas culturais.

No nível cognitivo as pessoas devem entender a verdade do evangelho.

No nível emocional devem experimentar o temor e o mistério de Deus.

No nível de avaliação o evangelho as desafia a responder à fé.

A Bíblia está repleta de exemplos dessa “contextualização” do evangelho de Deus em relação aos homens:

- Deus passeava no Jardim do Éden
- Deus se manifestou multiformemente a muitas pessoas: Abraão, Moisés, Davi, os profetas, etc.

- Deus finalmente se fez carne como nós para que conhecêssemos sua essência (HB 1:1-3 a)

Todas as culturas podem servir de canal para a comunicação do evangelho – não é preciso mudar de cultura para se tornar um cristão! Isso não significa que não haja maior grau de dificuldade para se comunicar o evangelho em algumas culturas.

#### - **Evangelho propõe mudanças para todas as culturas**

Assim como a vida de Cristo foi uma condenação para nossa natureza pecaminosa, assim também o Reino de Deus julga todas as culturas.

Apesar de sermos criados por Deus à sua imagem nosso pecado impregna nossas culturas de maldade e pecado.

Uma teologia verdadeiramente contextualizada deve não só reforçar os valores positivos (sob crivo bíblico) da cultura onde está sendo formulada, mas também deve desafiar aqueles aspectos dela que expressam o pecado e a maldade humanas.

O evangelho exerce uma função profética, mostrando o caminho que Deus planejou para vivermos como seres humanos, julgando nossas vidas e nossas culturas por essas normas.

Como cristãos, devemos lutar sempre com as questões sobre o que é o evangelho e sobre o que é cultura – e qual é a relação entre eles. Não fazer isso é correr o risco de perder as verdades do evangelho.

#### c. **Algumas posições defendidas e seus riscos (conforme Niebuhr, *Christ and Culture*, 1951)**

##### - **Cristo x Cultura**

Predominou nos primeiros séculos do cristianismo, mas com extensão em tempos mais modernos (p.ex. anabatistas, quackers, monges, etc)

Em parte decorrente da oposição e perseguição à igreja (é difícil ter uma visão otimista de impacto sobre a cultura quando se está sendo jogado aos leões), mas tem uma forte base gnóstica na medida em que, sem dúvida, existe uma certa oposição entre a natureza e a graça, o secular e o sagrado, a razão e a fé ...

Niebuhr argumenta que essa abordagem é marcada pelo legalismo e “concentração na vontade própria em vez de concentrar na obra graciosa de Deus”.

##### - **Cristianismo cultural**

De acordo com esse autor, na outra ponta se encontram os que identificam Cristo com sua própria cultura, como se fosse encarnação dela. É uma herança do liberalismo protestante, com seu “protestantismo cultural”.

Diz ele: “... o cristianismo cultural, pelo menos nos tempos modernos, sempre deu lugar a movimentos que tenderam em direção ao extremo do humanismo autodependente, que achava a doutrina da graça – e mais ainda a dependência desta - diminuidora do homem e desencorajadora de sua vontade”.

##### - **Cristo acima da cultura**

Este ponto de vista sugere que o mundo não deva ser amaldiçoado e nem abençoado. Sustentado por um Deus gracioso, contudo o mundo se encontra em oposição a Deus.

O papel de Cristo em relação ao homem não tem tanta relevância (nível horizontal) do que a questão entre os homens e Deus (nível vertical).

##### - **Cristo transformando a cultura**

A obra de Cristo não está isolada de nossa civilização e nem rejeita suas instituições. Seus proponentes vêm nas ciências, nas artes, na medicina e no conhecimento geral a mão de Deus ajudando a conduzir nossa história a seu modo.

O conceito da soberania de Deus é fundamental nessa abordagem e leva em conta alguns pressupostos:

- somos criação de Deus e, ainda que caídos, guardamos muito de sua imagem e expressão.
- a humanidade está caída por causa de sua rebeldia a Deus – e não por ser humanidade em si.
- aguarda-se completa redenção disso tudo (RM 8:19-23)

#### **d. A Palavra de Deus e a cultura**

##### **- No VT : Israel como figura do Reino de Deus**

Em todo o VT aprendemos que há dois reinos: o de Deus e o dos homens. Na teocracia terrena Israel aparece como uma nação espiritual. Noutras palavras, o governo de Deus e a cultura estão unidos enquanto a nação espelha o reino de Deus. Mas quando Israel quebra a aliança, foi exilado da terra prometida e os dois reinos mais uma vez se encontram divididos.

##### **- No NT : um reino celestial é nossa herança e expectativa**

Na nova aliança, o povo de Deus não está mais ligado a um pedaço físico de terra, mas somos herdeiros de um reino celestial. Fica claro que nosso reino não é daqui (JO 18:36). Nossas esperanças estão colocadas em uma pátria melhor - uma pátria celeste.

## **2. O CRISTÃO E A PÓS-MODERNIDADE – UM GRANDE DESAFIO**

### **A. Conceitos**

#### **a. Modernismo e Pós-Modernismo: conceitos**

##### **MODERNISMO**

Em geral se aceita que o início da era moderna coincide com o Renascimento (séc. XIV e XV) ou com o movimento do Iluminismo (séc. XVIII), conhecido também como século das luzes.

Há um problema em se falar do pensamento moderno, pois ele propriamente não existe. Há um conjunto de idéias, filosofias, cosmovisões, sistemas sociais, etc. e todos tem uma história.

É muito difícil dizer em que consiste a formação de cada um deles, pois são fruto de um emaranhado histórico de fatos, documentos, correntes, influências, personalidades, etc.

O que todos reconhecem é que houve uma mudança de paradigma de proporções gigantescas, cujas seqüelas afetaram as cosmovisões, as crenças, o mundo acadêmico e todas as outras áreas dos afazeres humanos até nossos dias.

Essa foi uma mudança que teve uma influência importante no cristianismo, inicialmente na Europa e na América do Norte, e que logo alcançou os nossos países do hemisfério sul.

A era moderna caracterizou-se por um amálgama de filosofias e sistemas epistemológicos que tinham em comum o rompimento aberto com o paradigma anterior.

Conforme John Dewey (1859 – 1952), são 4 as principais mudanças ocorridas no período pré-moderno, e que definem o perfil da era moderna:

- O prazer com o natural, sem referência ao sobrenatural. A matéria e as leis físicas são suficientes para explicar toda a realidade. “Já não havia necessidade de se ter poderes invisíveis para explicar o movimento do Universo. Embora não se descartasse a idéia de um Deus postulador dessas leis.
- Em lugar da ênfase medieval na submissão à autoridade eclesiástica, surge uma crença crescente no poder das mentes individuais, guiadas por métodos de observação, experiência e reflexão, para alcançar as verdades necessárias e fundamentais da vida. Surge a **metodologia empírica** da ciência moderna. A mente humana é colocada como parâmetro último de análise e descrição da realidade. O Iluminismo, movimento que representa o espírito da Era Moderna, afirmava a completa competência da razão humana. A **Razão** era capaz de nos dizer tudo o que necessitamos saber sobre Deus e sobre a moral.
- A crença no Progresso faz com que o futuro e não o passado domine a imaginação. O homem seria capaz de, se assim quisesse, aplicar o valor, a inteligência e o esforço necessários para forjar o seu próprio destino. A Era Moderna propôs uma Cosmovisão otimista e cheia de confiança no potencial humano. A maioria dos modelos sociais, políticos, religiosos e ideológicos da época procura obter a superação humana, com vistas a um estágio superior da história.
- O caminho para o Progresso é o estudo paciente e experimental da natureza, resultando em inventos que a controlam e dominam suas forças para o bem da sociedade. Na Era Moderna somos nossos próprios salvadores, efetivando nossa salvação através da marcha inevitável e incessante do Progresso.

A Era Moderna proveio de um paradigma com um universo fechado ao sobrenatural, onde a ciência se desenvolve ajudada pela hegemonia da Razão humana, produzindo o bem comum através da tecnologia e do crescimento econômico, resultados celebrados pelo progresso.

## PÓS-MODERNISMO

A proposta modernista de um **mundo edênico** conduzido pela razão decepcionou a todos! A I Grande Guerra deu um golpe mortal nesse projeto e Stalin e Hitler se encarregaram do golpe de misericórdia e do sepultamento.

A esperança de que através da razão os seres humanos poderiam entender o cosmos, estabelecer a paz social e melhorar a nossa condição converteu-se num pesadelo que revelou o progresso fora do controle humano deixando seqüela ainda maiores do que as que pretendia resolver.

Todos os pilares do projeto moderno mostraram ser somente colunas ocas, com uma pintura dourada.

**É diante desse vazio que a modernidade deixou ao desmoronar-se, que surge o PÓS-MODERNISMO!  
Uma pura perda de entusiasmo pelas convicções básicas do modernismo.**

O Pós-Modernismo pode ser entendido como “... *uma sensibilidade cultural sem absolutos, sem certezas e sem bases fixas, que se deleita no pluralismo e na divergência, e que tem como meta pensar através da radical ‘relatividade situacional’ de todo pensamento humano. E cada um desses aspectos poderia ser considerado como uma reação consciente e deliberada contra a totalização do Século das Luzes...*”

*“Ao passo que a modernidade era um manifesto de auto-suficiência humana e de autogratificação, o pós-modernismo é uma confissão de modéstia e até de desesperança. Não há “verdade”, há apenas verdades. Não existe a razão suprema, somente há razões. Não há uma civilização privilegiada (nem cultura, nem crença, norma ou estilo), há somente uma multidão de culturas, de crenças, de normas e de estilos. Não há uma justiça universal, há apenas interesses de grupos. Não existe uma grande narrativa do progresso humano, há apenas histórias incontáveis, nas quais as culturas e os povos se encontram hoje. Não existe a realidade simples e nem uma grande realidade de um conhecimento universal e objetivo, existe apenas uma grande representação de*

*todas as coisas em função do tudo o mais...” MacGrath, Alister. A Passion for Truth: the Intellectual Coherence of Evangelicalism, IVP, Dowers Grove, 1996.*

## **b. Adeus aos absolutos**

A modernidade baseava-se em absolutos, em princípios inegociáveis que conduziriam infalivelmente a um mundo sem problemas. Mas se os absolutos do Modernismo produziram o caos que vimos nas relações humanas, na economia, nas ciências sociais e na política, devemos então suspeitar de todo absoluto. Como consequência, no Pós-Modernismo, não há regra ou normas que controlem a sociedade; nem mesmo Deus tem esse direito.

Ao nível mais geral, a rejeição de absolutos levou o pós-modernismo a repudiar qualquer conceito de verdade que pretenda ser universal. Portanto, no conceito pós-moderno, tais verdades deveriam ser erradicadas, incluindo o que se define nele como metanarrativas, por serem estas autoritárias e tenderem a impor o seu próprio significado de forma fascista e destrutiva, quando obstada.

As metanarrativas são marcos de referência gerais que dão sentido à totalidade da vida e que dão um significado ao lugar que ocupamos no amplo sistema das coisas – um sistema que abrange completamente o pensar e o viver, uma concepção total do mundo e da humanidade. P. ex. as aspirações das cruzadas, o marxismo-leninismo, a democracia liberal capitalista, o conceito cristão de Escrituras, etc.

No que toca ao cristianismo bíblico, o pós-modernismo entende que as Escrituras constituem uma metanarrativa com pretensões universais – o cristianismo estaria inegavelmente enraizado numa metanarrativa que pretende contar a verdadeira história do mundo, desde a sua criação até o fim, da origem à consumação.

Para o pós-modernismo a única verdade é que não existe uma verdade. Não existem absolutos, somente escolhas. Nada é absoluto, nada é sacrossanto, tudo acha-se disponível.

## **c. Pós-modernismo , culpa e responsabilidade pessoal**

O indivíduo pós-moderno é, portanto, um produto cultural e não tem individualidade. Os seres humanos são apenas contratos sociais ou seres socialmente determinados. É apenas o que a sociedade define que seja, não pode pensar a não ser nas categorias que recebeu e, como resultado, não tem mais a pretendida autonomia do homem moderno - suas emoções, interpretações de si mesmo e ações, são pré-definidas pela sociedade, assim como sua abordagem cognitiva do universo ao redor.

Essa redefinição pós-moderna do homem produziu a negação da culpa e da responsabilidade pessoais. Se somos e agimos por definição social, então a sociedade é a inteira responsável por nossos atos e decisões, sejam positivos ou negativos.

## **d. Pluralismo, relativismo e cristianismo**

O pluralismo e o relativismo floresceram nesse ambiente de rejeição de absolutos.

### **PLURALISMO**

Na filosofia o pluralismo se define como a doutrina que afirma que há mais de um princípio universal, em oposição ao monismo, que reduz toda a realidade a um princípio único.

Na sociologia e na cultura, o pluralismo se define como a coexistência de cosmovisões divergentes.

Na religião, o pluralismo é a doutrina de que a salvação, ou o que se entende por salvação, é alcançada através de uma quantidade enorme de condições e de meios, em várias religiões. O pluralismo outorga a todas as religiões o mesmo valor soteriológico, moral e espiritual.

O pluralismo não é algo novo. O panteão greco-romano e egípcio são prova disso. (ATOS 17:16-23)

No que toca ao pluralismo, a crença em um Deus único que tenha se manifestado aos homens através de Jesus, tendo-o posto como o único caminho até Ele é de pronto rejeitada ou, no mínimo, totalmente incompreensível para a mente pós-moderna.

## RELATIVISMO

É um parente próximo do pluralismo. Define que tudo o que podemos saber acerca das realidades são, unicamente, as relações entre suas diferentes partes, o que assim implica que todo conhecimento é relativo. Não existem absolutos, normas ou critérios objetivos e independentes para a verdade, nem para a bondade. Tudo é relativo ao momento e à pessoa.

A vítima do relativismo, na tentativa de ser “politicamente correta”:

- não tem opiniões pessoais (Não posso impor minha cosmovisão!);
- não tem segurança ontológica (Não sei quem sou e seria arrogante pretender sabê-lo!);
- não tem base epistemológica (Não sei se é possível saber algo com certeza!);
- não tem princípios éticos universais (O que é certo para mim pode não ser para outro!)

O relativismo torna difícil o diálogo aberto para encontrar a verdade. Pois prega uma verdade “a la carte” ou do tipo “buffet”, onde o que importa é o que se pretende comer pelo sabor que tem e não propriamente pela substância.

### e. A religiosidade no pós-modernismo

Diante desse quadro pluralista e relativista e considerando que o homem não omite a expressão de sua necessidade de um relacionamento com seu Criador, sua expressão religiosa se mostra cada vez mais profundamente distorcida e ineficaz em atender suas carências pessoais de significado.

No pincel de Italo Gastaldi (Educar y Evangelizar en la Postmodernidad, UPS, 1995), fica assim o quadro da religiosidade pós-moderna:

*“... antropocêntrica, sociológica ou ambiental,... branda, ‘a la carte’, ... extremamente cômoda, ... céptica ante o heroísmo e distante de qualquer entrega, ... emocional e anti-intelectualista, que se acaba no ‘aleluia e glória-a-Deus!’, ... carente de confiança em seus líderes e divorciada da cultura”.*

## B. Pós-modernidade e fé cristã

### a. A expectativa pós-moderna e a abordagem da Bíblia

Como anunciar a metanarrativa bíblica a uma geração que rejeita todo o conceito de verdade e todo absoluto? Como podem ser consideradas seriamente as pretensões cristãs de verdade, quando há tantas alternativas rivais e quando a verdade em si mesma chegou a ser uma noção desvalorizada?

Seguindo a própria orientação bíblica expressa por Paulo em I TES 5:21, devemos analisar algumas áreas em que o pós-modernismo, com todos os seus novos e antigos desafios à fé, pode nos ajudar a ser e a viver mais biblicamente.

A era moderna, desde o Renascimento, produziu um sistema em que a razão se erigiu como única autoridade em todas as esferas da atuação humana, incluindo a abordagem da Bíblia. E por esta razão, muitas vezes a rejeitou por não se enquadrar nos moldes científicos e lógicos propostos. Todavia, a ocasional falta de “lógica” consistente da revelação divina não significa que a doutrina em questão esteja equivocada, ou que não seja

revelação divina. Apenas ilustra bem o fato de que a razão humana caída não pode compreender totalmente a majestade de Deus.

### **b. A Bíblia como objeto de nossa análise? Vamos inverter isso!**

Temos que evitar a todo custo que prevaleça apenas o espírito modernista no estudo bíblico: onde o texto bíblico vira objeto e nós os examinadores que lhe aplicamos o método correto e as leis da lógica, para dominá-lo esmiuçá-lo, analisá-lo e obrigá-lo a que solte todo o seu conteúdo. É o estudo bíblico onde a razão se ergue como juiz soberano do texto e diante do qual a revelação divina submete-se impassível.

Devemos, antes, ao nos aproximarmos da Bíblia, aplicar a postura **deconstrucionista** que tomamos emprestado do espírito pós-modernista: somos nós mesmos, muitas vezes, o objeto e ela (a Bíblia) o sujeito que nos examina, nos avalia, e nos subjuga (HEB 4:12-13). Isso não invalida a necessidade de também a abordarmos com nossa razão (a qual também é parte de nós e dom de Deus).

Nossos estudos bíblicos devem deixar de ser tão intelectualizados e chegar a converter-se em verdadeiros encontros em que, com tudo o que somos (mente, emoções, sentimentos, anseios, sonhos, frustrações, etc) nos sentemos aos pés do Autor e o escutemos.

A geração pós-moderna, que suspeita da razão, precisa descobrir que a Bíblia, mais do que um código de normas, é um livro sobre pessoas de carne e osso, que viveram com as mesmas lutas, questionamentos, duvidaram, voltaram para trás, caíram e se levantaram de novo.

### **c. O ministério-modelo de Jesus: o relacional no lugar do racional.**

Outro aspecto que devemos revisar, para a era pós-moderna, é o da apologia e evangelização. A tarefa apologética para esta era que se caracteriza pela suspeita a tudo é **restaurar a confiança na verdade**.

Quando abordamos esta geração com o evangelho, devemos deixar de lado nossa crista de superioridade, transmitindo a sensação de que possuímos infalivelmente a verdade absoluta. Isso não significa que estejamos deixando de crer que o evangelho é a verdade, e se aplica a todo ser humano indistintamente.

Nossa postura apologética e evangelização, mais do que racional, deve ser relacional. Muitos jovens sentem atração pelo Jesus dos Evangelhos, mas rejeitam qualquer envolvimento eclesial ao ver a vida dos que se dizem seguidores de Jesus.

O modelo ministerial de Jesus foi essencialmente relacional. Andou em meio às multidões, teve encontros privados com pessoas, conheceu o calor do deserto, quebrou paradigmas sociais (envolveu-se com leprosos, pecadores, párias sociais). Falou de sal, lâmpadas, sementes, pastores, pais, filhos, etc. Se desprezarmos este modelo jamais atingiremos o homem pós-moderno.

Na afirmação de Phillip Kenneson (Christan Apologetics in the Postmodern World. Downers Grove, 1995) :

*“... A tarefa apologética mais urgente da Igreja hoje é viver no mundo de tal maneira que o mundo seja levado a nos perguntar acerca da esperança que temos. Enquanto isso não acontecer, temo que todas as teorias apologéticas existentes sejam em vão, e que a verdade de que dizemos ser testemunhas seja tomada como sendo uma falsidade.”*

Nesta era moderna, mais do que com palavras, evangelizamos com ações, com uma postura de amor e compaixão para com os outros, onde a ética e os valores do reino se materializam fora dos templos entre uma geração desencantada e cheia de suspeições.

### **d. As pedras fundamentais do evangelismo para esta geração: autenticidade, cuidado mútuo, confiança e transparência.**

O jovem pós-moderno não será atingido pela evangelização impessoal, sem continuidade e destituída de interesse autêntico.

Mais do que um sistema lógico de crenças, nesta era pós-moderna devemos apresentar Jesus em toda a sua plenitude, para que esta geração se transforme em sua imagem – fazendo isso com compaixão, mantendo relacionamentos significativos com não-cristãos. Tendo ouvidos para ouvi-los e estando convictos de que sua Palavra lhes é pertinente (MAT.24:35).

### **C. A situação cultural pós-moderna na América Latina**

#### **a. Fuga e informalidade como reação à falência das instituições**

Hoje, em muitos países latino-americanos, há uma grande fatia da população para a qual a vida transcorre movida por uma dinâmica de fuga e continua informalidade.

Esse imprevisto decorre da incapacidade e obsolescência das instituições sociais, em grande parte agravadas pela corrupção, burocracia, e leis atrasadas, em fazer frente à explosão demográfica e ao potencial produtivo e criativo desses indivíduos que, simplesmente, respondem às necessidades de sobrevivência.

Essa informalidade notória no campo econômico, principalmente, aplica-se também a inúmeros outros aspectos da vida diária de nossas sociedades, entre eles a vida das igrejas. Prova é que, ao lado das igrejas mais tradicionais, têm surgido uma infinidade de novas igrejas, na maioria de tom informal, com incrível vitalidade e poder de expansão.

#### **b. O fim da utopia (socialismo) – morte da esperança**

Temos que reconhecer que na AL a utopia socialista arraigou-se por várias décadas entre setores significativos da população (trabalhadores e pensadores). Havia uma nítida noção de que a mudança qualitativa da sociedade se daria como resultado imediato de uma revolução. No entanto essa utopia rolou por água abaixo, fato bem simbolizado pela queda do Muro de Berlim.

O efeito da morte da utopia levou a uma mudança de atitude vital que pode ser descrita como “desfrutar já, sem mais atrasos, as satisfações”. Esse é o espírito que Paulo descrever com a frase “... *Comamos e bebamos que amanhã morreremos*” (ICOR 15:32)

#### **c. Relativismo moral e hedonismo: o comportamento montanha-russa.**

O fim da vigência das ideologias coincide com o abandono das normas morais tradicionais e a adoção de um certo relativismo ético.

Na AL este aberto relativismo moral é fruto da secularização que foi minando a limitada vigência da moral católica, imposta com certa medida de coerção social pela união da Igreja com o Estado.

O melhor exemplo do que vem ocorrendo é observado no veículos de comunicação de massa (ex. telenovelas argentinas, brasileiras, mexicanas e venezuelanas). Os costumes, as atitudes e os diálogos, as relações de todo o tipo mostram tanto um culto ao prazer como um relativismo moral ingênuo.

A frase de Paulo, há pouco citada, e ainda outras citações bíblicas no Antigo Testamento, mostra que mais do que um sinal de fraqueza espiritual da geração presente, esse comportamento de abandono de normas morais tende a se repetir ao longo da história do homem.

#### **d. Razão x Sentimento**

Há uma tendência cultural que ficou mais evidente a partir dos movimentos jovens do final dos 60 – um protesto contra o racional e uma afirmação da paixão e da festa. As grandes aglomerações de jovens convocadas pelos artistas, p.ex., não tem como centro uma idéia, mas uma manifestação coletiva que se experimenta em forma multitudinária.

Alguns movimentos pentecostais ou renovados podem ser vistos dentro do âmbito de uma tendência que afeta toda a sociedade.

Dentro dessa tendência geral, enquadra-se o surgimento de minorias que afirmam a verdade de seus próprios traços culturais, questionando a validade universal das normas impostas pelo que chamamos de civilização ocidental.

#### **e. A persistência do religioso: o crescimento do protestantismo popular.**

O discurso moderno, tanto na versão liberal quanto marxista, proclamava o desaparecimento da religião com o advento da sociedade ideal sem classes e sem estado, com a ciência garantindo um domínio completo da natureza. Freud também apregoava o fim dessa “ilusão”.

No entanto, passou o marxismo e a religião continua mais forte do que nunca no espírito do homem. Há uma verdadeira explosão do que é religioso e um pluralismo jamais visto. A persistência do religioso não ocorreu somente no terceiro mundo, no meio de uma pobreza justificável, mas também nas sociedades mais avançadas, onde a vida é racionalizada pelos computadores e programadores.

Isso prova que o ser humano foi feito para ter uma relação com seu Deus.

Na AL cresceu inusitadamente o protestantismo popular – principalmente no ramo pentecostal. É importante entender esse fenômeno não apenas do ponto de vista teológico, mas também à luz das tendências sociais e culturais que vimos tratando.

### **D. Vivendo como cristãos no mundo pós-moderno.**

#### **a. Vinho novo em odres velhos: a potencialidade do informal quando o formal escraviza e tolhe**

Nos 20 séculos de história da Igreja, tem havido vários momentos nos quais a renovação da igreja foi o sopro do Espírito que provocou um transbordamento, porque a velha estrutura era como odres velhos que não podiam conter o vinho novo.

Numa época de informalidade, os que preferem a formalidade não deveriam se assustar mas se perguntarem que energias há na fé cristã para enfrentar novos tempos. E também, como o Espírito Santo age no mundo hoje de maneira a romper os esquemas formais que já não servem mais para a vida da igreja e para a propagação da fé.

#### **b. Recuperando a esperança cristã: o Cristo ressurreto e transformador**

Em que consiste a esperança cristã e de que depende ela?

Brota da pessoa de Jesus, do fato da sua ressurreição – porque Jesus ressuscitou, temos esperança! ( I COR 15:17-19).

Creemos que a palavra final da história, a ordem final das coisas não vai ser conforme a vontade humana, mas conforme a vontade de Deus.

#### **c. Estilo de vida: razão + paixão + fé + entusiasmo pela verdade**

Não podemos esquecer que há um estilo de vida cristã em obediência às normas éticas que derivam da mensagem do Evangelho. Esse estilo de vida cristã é o único que torna possível verdadeiramente a plenitude da vida.

Como cristãos não podemos renunciar à razão. A mensagem cristã é racional – no sentido de que é inteligível. Mas certamente a razão não é tudo, nem ainda a mensagem cristã são simplesmente idéias que uns transmitem e outros recebem. A vida cristã é mais que o cérebro, mais do que transmissão de idéias.

A vida cristã é paixão, fé e entusiasmo pela verdade! Se não existe entusiasmo por Cristo, certamente falta algo. Na época pós-moderna temos que manter a dimensão de uma fé inteligente, mas ao mesmo tempo temos que reconhecer a validade da dimensão da celebração e do sentimento.

#### **d. Discernimento espiritual: a verdadeira fé em Cristo vem acompanhada de transformação.**

A persistência do religioso na era pós-moderna nos obriga a saber distinguir a religiosidade que deriva e se expressa da fé em Cristo de outras. Precisamos de discernimento.

A diferença é o que Jesus tantas vezes destacou em seus confrontos com os fariseus – tem que haver uma relação estreita entre o que se crê e a conduta, a ética. Vidas realmente transformadas expressam a presença de Deus.

#### **e. A multiforme graça de Deus: respeitando as diferentes formas**

É importante respeitar as diversas manifestações da fé que são dadas, sempre que elas tenham um núcleo central de verdade na pessoa de Jesus Cristo.

Estamos entrando numa era diferente - na era pós-moderna compete-nos anunciar e viver a fé cristã, esta fé que tem sobrevivido por vinte séculos, que tem passado de uma cultura para outra, e já se espalhou por todo o mundo.

O cristianismo desse novo milênio será um cristianismo global, que terá como centro a pessoa de Jesus, cuja memória e presença teve a capacidade de transcender a todas as culturas.

### **3. VIVENDO NO PAÍS DO “JEITINHO”**

#### **A. Definindo o que é “jeitinho”**

*“... Uma forma “especial” de resolver algum problema ou situação difícil ou proibida. Pode ser também uma solução criativa para alguma emergência, seja burlando alguma regra ou norma pré-estabelecida, seja sob forma de conciliação, esperteza ou habilidade...”*

*BARBOSA, Livia. O “jeitinho” Brasileiro - A arte de ser mais igual que os outros. Campus, Rio de Janeiro, 1992.*

O “jeitinho” faz prevalecer o desejo de alguém, a curto-prazo, não importando as regras ou as conseqüências para si ou para os outros.

O “jeitinho” não é prerrogativa da cultura brasileira, pois por estar muitas vezes associado à corrupção, encontra paralelo e designação em outras culturas (p.ex. trinkgeld, speed-money, pay-off, vzyatha, etc). Mas, certamente mais do que em qualquer cultura, o “jeitinho” representa a formalização de todas as características básicas atribuídas ao homem brasileiro.

#### **B. Porque temos que mudar? Os desafios da vida cristã e a falha das instituições**

*“O problema do Brasil não é dos sem-terra, sem-teto, sem-camisa. É sim, dos sem-caracter e sem-vergonha...”*

*Anônimo*

- Como cristãos e brasileiros **temos que viver na sociedade do “jeito”**. Dia-a-dia e a toda hora, conscientes ou não do fato, somos confrontados com situações e decisões que estão irremediavelmente ligadas à cadência do “jeitinho”.

- O cristão brasileiro não pode continuar vivendo nessa situação eticamente cinzenta. É preciso **penetrar na cultura dessa gente e entender o fenômeno do “jeitinho” para oferecer ao povo cristão respostas** que lhe permitam enfrentar os dilemas cotidianos (LC 9:23) gerados pelo próprio “jeito”.
- Infelizmente, há o testemunho verdadeiro de muitos que evidenciam que o cristianismo institucionalizado tem estado muito mais preocupado com o **formalismo, a liturgia, o ativismo desenfreado** e, noutra ponta, as **experiências extáticas**, que com **um estilo de vida comprometido com Jesus Cristo**. (GAL 2:20; I COR 15:31). O cristianismo formal tem falhado em:
  - entender o “jeito”.
  - propor e suportar alternativas ao “jeito”
  - instruir seus membros quanto às dificuldades éticas do cotidiano
  - influenciar e modificar a sociedade
- Se a ética dos ideais bíblicos são atemporais, aculturais e geograficamente independentes, e o “jeito” tende a relativizar tudo (inclusive essa ética), é preciso estabelecer uma ponte entre esses dois lados.

### C. Desafio à Igreja: propostas claras de como lidar com o “jeito”

#### a. O básico (MAT 5:13-16)

Os cristãos precisam aprender a reentronizar a Deus e Sua vontade em seu cotidiano a fim de apresentarem ao mundo vidas de real significado e influência. Não podemos fechar os olhos ao fato que a generalizada perda da fé religiosa tem substituído uma ética baseada em conceitos religiosos por uma outra baseada em propósitos humanos. É portanto vital que estejamos:

- Compreendendo o **papel do evangelho e da própria Igreja** na sociedade
- Buscando **modelos de conduta ética na vida pessoal**
- Compreendo o **papel de cada cristão** na sociedade

#### b. Diagnosticando as motivações do “jeitinho” à luz da Palavra

Quando o “jeitinho” é produto do individualismo, do egoísmo, do “levar vantagem” sobre os outros, do comodismo, da transgressão à lei, deve ser considerado como algo que desagrade a Deus – claramente falando, PECADO. A fonte de diagnóstico é a Bíblia, onde estão os ideais de Deus para a vida do homem.

Já que todas as ações humanas se originam na mente, lendo FIL 4:8 podemos compreender a importância desse referencial para a vida do cristão. Se a mente for renovada pela Palavra de Deus as ações também o serão (RM 12:2; IITIM 3:16-17).

Ter a mente renovada pela Palavra de Deus e a vida manifestando o Fruto do Espírito é o grande desafio para o cristão brasileiro e será a força motriz não apenas para resolver os dilemas éticos do “jeito”, mas produzir mudanças na sociedade.

#### c. A Igreja como laboratório para o desenvolvimento de alternativas éticas ao “jeitinho”

O cristão brasileiro precisa **encontrar em sua igreja um ambiente fértil no fornecimento de recursos** que o oriente a lidar com as questões do dia-a-dia. A igreja é o ambiente ideal para promover um caráter cristão no cristão brasileiro.

Porque somos **embaixadores de Cristo** (IICOR 5:20), a Igreja, como instituição, precisará estar atenta para lidar com a sociedade do “jeito”. Estando inserida na sociedade brasileira, deve interagir com essa propondo e promovendo no povo brasileiro uma mudança radical interior.

Nesse sentido, a igreja local deve se esmerar em:

- pautar suas ações conforme a Palavra em todas as situações possíveis;
- estudar o cotidiano social e propor ações conforme a Bíblia, com mais praticidade e menos abstracionismo, auxiliando o cristão a interpretar o seu contexto de vida e suas motivações pessoais;
- lançar desafios para que seus membros vivam o Evangelho de forma digna (EF 4:1; FIL 1:27; COL 1:10)
- lembrar que a sociedade da qual fazemos parte está atenta às reações do cristão (ou qualquer outro que se disponha a oferecer um modelo) em busca de modelos e paradigmas a serem seguidos (RM 8:19);
- proporcionar mutualidade e comunhão transformadoras (GAL 6:2,9,10; AT 2:47); e
- evangelizar, já que a transformação do todo tem início pela renovação da parte (o indivíduo).

Não se trata de formar uma sociedade utópica e perfeita, pois... (leitura)

*A Igreja, o povo do Reino, não é uma utopia. Tem lugar no universo de Deus, numa realidade espaço-temporal em que material e o espiritual são os dois lados de uma mesma moeda ... A igreja brasileira, se quiser ser a igreja enviada, deverá conhecer seu tempo e sua vez... o tempo e a vez da igreja brasileira em sua própria terra solicita uma aproximação da realidade de nossa época e geração e de nossa história.*

*GOMES, Wadislau M. Sal da Terra ... em Terra dos brasis. Brasília: Refúgio, 1987.*

#### **D. Um modelo cristão de conduta ética para o “jeito”**

##### **a. Qual o referencial de nossas decisões éticas? É impossível ficar sem decidir!**

Sempre temos que decidir! Mesmo que fiquemos sem tomar nenhuma decisão, acabamos decidindo por não decidir! Então como vou tomar minhas decisões? Quais serão os modelos e referenciais éticos para minhas decisões?

Não se pode negar que as situações complexas na sociedade do “jeito”. Essas situações complicadas geram uma diversidade ética na cultura brasileira, na qual coexistem a tradição e a modernidade, criando éticas duplas ou múltiplas que estruturam a experiência do cotidiano.

Essa multiplicidade contraditória deve dar lugar a um carácter cristão que saiba discernir e, portanto, decidir. Não basta decidir como cristão, primeiramente tem que haver um carácter cristão, transformado pelo Evangelho, para que as decisões sejam cristãs. A árvore dá frutos condizentes com sua natureza (MT 7:15 ss.).

##### **b. Três exemplos bíblicos como modelo**

A Bíblia não tem uma resposta explícita para todas as dilemas éticos do “jeitinho” brasileiro. Portanto, precisamos avaliar e aplicar algumas situações-limite apresentadas na Bíblia.

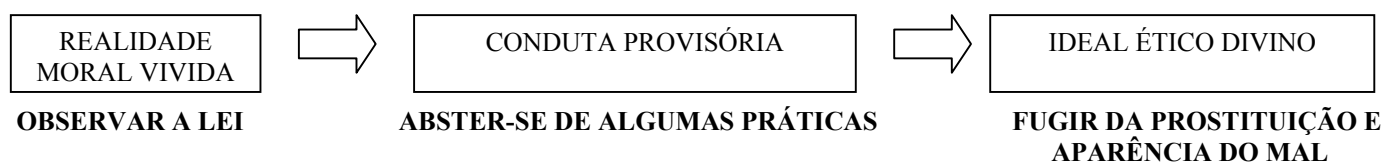
- **Investindo em líderes para assegurar o futuro (ex. monogamia na liderança das igrejas)**

I TIM 3:2,12; TT 1:6 mostra claramente que a instituição de uma liderança conforme as expectativas divinas de conduta desencorajaria outra ética nas futuras gerações.



• **Concedendo para ganhar (ex. o concílio de Jerusalém)**

Olhando para o episódio narrado em ATOS 15:20,28,29; 21:15) notamos que a favor da comunhão mútua e o crescimento ordenado da Igreja, os cristãos não-judeus abrem mão de querer tornar a circuncisão obrigatória aos gentios e, por sua vez, os gentios abrem mão de algumas práticas pagãs arraigadas em seu comportamento e cultura (o consumo de carne sacrificada a ídolos; o comer sangue ou animais sufocados e a prostituição).



• **Dando um “jeito” na escravidão (ex. servos e senhores como irmãos)**

Tanto Jesus quanto a Igreja do primeiro século não fizeram da escravidão o foco de sua luta e discurso prioritário. Não era importante romper com a cultura num primeiro momento, mas ganhar as pessoas através de uma outra proposta de vida (vívda), mesmo sabendo não ser a escravidão uma perspectiva válida nos propósitos de Deus. (ATOS 10:34; RM 2:11).

A ética da escravidão deveria ser vivida sob a verdadeira ética cristã: escravos servindo a seus senhores como a Cristo e senhores tratando seus escravos como irmãos em Cristo e co-servos de Cristo. A partir dessa ótica a escravidão acabaria por si mesma.



**c. Ideal Ético Divino x Realidade Moral Vívda = Ética Temporal Ascendente (ETA)**

Nas 3 situações avaliadas há um ideal ético divino e uma **Realidade Moral Vívda** socialmente. A solução em todos os casos foi uma **Ética Temporária (Provisória) Ascendente (ETA)** que visa o **Ideal Ético Divino** como objetivo a ser alcançado e evita rompimentos desviantes ou destrutivos.

A ETA funcionou como uma ponte entre as duas realidades extremas, provendo uma atitude ética provisória (mas ASCENDENTE) que visava conduzir a pessoa do nível inferior da realidade moral vivida para o nível superior do Ideal Ético Divino.

Comparando o conceito da ETA com o “jeitinho”:

“JEITINHO”	ETA
Acomoda-se a uma situação	Visa ideais elevados (MAT 5:48)
Sua motivação é o indivíduo	Sua motivação é servir a Deus (ex. as parteiras hebréias)
Seu compromisso é o indivíduo	Seu compromisso é com o Evangelho
É egoísta e centrada na vontade da pessoa	É fruto do carácter cristão desejoso de fazer a vontade de Deus
Perpetua o pecado	Reage contra o pecado

#### d. Os níveis de convivência do Evangelho e da Cultura Humana (Seg. Stephen Neill):

Considerando o eterno conflito entre aspectos da **cultura e o Evangelho**, esse autor sugere um modelo semelhante ao da ETA com 3 níveis ou categorias de convivência entre ambos:

- **Intolerância** para alguns tipos de costumes: idolatria, infanticídio, canibalismo, vingança, mutilação, prostituição ritual, etc.
- **Tolerância temporária** de outros: escravidão, sistema de castas, o tribalismo, a poligamia, etc.
- **Irrelevância** quanto a alguns costumes que em nada afetam ou contradizem os princípios do Evangelho: aspectos litúrgicos nos cultos (homens < > mulheres), alimentação, detalhes de higiene pessoal, vestimenta, alimentação, etc.

#### e. Cuidados em relação à ETA

A ETA pode parecer um modelo ético cômodo, não levando a pessoa a adotar uma conduta ética ideal de imediato. Esse risco existe já que há quem queira se utilizar do modelo para justificar seu comodismo diante da desobediência às leis, ou do “levar vantagem”. Isso apenas revela, mais uma vez o egoísmo humano. Por isso:

- a ETA deve ser sempre o último recurso e nunca a regra, ou seja, quando os princípios éticos são tão conflitantes que **não há mais saída**;
- além disso algumas salvaguardas sublimes (**MAT. 22:37-40**) são necessárias para referenciar a aplicação da ETA:
  - o amor a Deus: obedecendo (ROM 13:1-7) ou não (AT 5:29) às autoridades;
  - o amor próprio (cf I COR 6:19-20), e
  - o amor ao próximo (EX 1:15-22)

A ETA não pode substituir o desafio da fé operante do cristão. Há ocasiões em que a melhor opção será mesmo enfrentar o conflito ético, ainda que as consequências não sejam as mais desejáveis. Caso contrário, corre-se o risco da conduta ética não ser cristã, mas fruto de interações mentais e filosóficas a ponto do referencial bíblico ser inferiorizado ou cair numa espécie de legalismo.

## **E. O papel do cristão na sociedade do “jeito”**

### **a. Vivendo para a glória de Deus**

Na busca do ideal ético divino, a motivação do cristão será sempre agradecer ao seu Senhor, cumprindo o propósito de nossa criação (IS 43:7).

Essa situação foi perdida com a queda e recuperada em Cristo na conversão (I COR 10:31). Essa deve ser a motivação tanto da aceitação do conflito ético quanto da aplicação da ETA.

### **b. Conduta ética exemplar**

Através da ETA o cristão poderá reagir eticamente sob situações-limite (ou sem saída) em seu cotidiano e combater, de modo progressivo, o bom combate (I TIM 1:18; 6:12; II TIM 4:7). A busca do ideal ético divino em sua vida mostrará à sociedade do “jeitinho” quão operacional e produtivo é o evangelho.

### **c. Espírito evangelístico**

O cristão brasileiro carece de espírito evangelístico (seja pela pregação ou pelo testemunho). Desconhece ou até menospreza o fato que seus amigos, vizinhos, colegas de trabalho e parentes deverão ver em sua vida prática e em sua maneira de reagir ao “jeito” a manifestação da fé e da ação do evangelho.

Mais do que programas, campanhas ou métodos, precisamos entender e viver a realidade de sermos pessoas a quem alguém seguiria. Como Robert Coleman bem se refere aos métodos de Jesus ...

*“ não era com programas para atingir as multidões e, sim, com homens a quem as multidões seguiriam ... Homens seriam seu método de conquistar o mundo para Deus.”*

*COLEMAN, Robert E. O Plano Mestre de Evangelismo. São Paulo, Mundo Cristão, 1999.*

### **d. Cidadania exemplar e responsável.**

As instituições podem funcionar melhor dependendo da atuação dos cristãos. Omissão é garantia de liberdade para a ação de Satanás.

O cristão brasileiro, como cidadão responsável que deve ser, pode se utilizar de todos os meios disponíveis para se manifestar, reclamar e opinar em todos os níveis da sociedade em que vive (bairro, clube, etc.). Além de seu dever de interceder pelas autoridades constituídas para que vivamos de forma justa e honesta (I TIM 2:1-4)

## **4. BIBLIOGRAFIA**

- HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade de Culturas**. Vida Nova, São Paulo, 1999.
- HORTON, Michael S. **O Cristão e a Cultura – nem separatismo, nem mundanismo**. Cultura Cristã, Cambuci, 1998
- REGA, Lourenço Stelio. **Dando um “jeito” no “jeitinho” – como ser ético sem deixar de ser brasileiro**. Mundo Cristão, São Paulo, 2000.
- SALINAS, Daniel & ESCOBAR, Samuel. **Pós-modernidade – novos desafios à fé cristã**. ABU, São Paulo, 1999.